

Ê lasqueira! Que jaca, hein?

Naquela época eu morava na Rua Miguel de Frias em Icaraí num prédio de quatro andares, que ficava a poucos metros da praia. O prédio tinha seis lojas, sendo que as três da direita, de quem saía do edifício, eram ocupadas pela Pizzaria Gruta de Capri, que até hoje está no mesmo local. No lado esquerdo ficavam a Casa Lotérica, que na verdade era um ponto de jogo de bicho e corrida de cavalos, controlada pelo bicheiro Erlon, o armarinho do Seu Nogueira e o bar do Barriga.

O Erlon tinha uma ligação muito grande com a garotada, eu na época estava com treze ou quatorze anos. Nos fundos da sua loja ele guardava uma coleção de revistas de sacanagem, ou seja, a obra completa de Carlos Zéfiro, que era o máximo que existia naquela época em termos de pornografia e de mulheres nuas. Essas revistas nos dias atuais de internet seriam consideradas brincadeira de criança. Às vezes também surgiam umas revistas suecas de nudismo, que faziam sucesso entre a garotada. Erlon permitia que todos nós frequentássemos a sua biblioteca sem nenhuma restrição. Além disso, costumava nos levar para passear no seu Studbacker conversível, em longas voltas pelo bairro, o que nos permitia ganhar alguns pontos com as garotas, já que eram muitos poucos os carros que circulavam pela quase deserta Praia de Icaraí.

Erlon costumava ficar sentado na porta da sua loja, folheando as revistas do Carlos Zéfiro e observando as bundas das mulheres que passavam pela calçada. Algumas vezes emitia alguns comentários:

- Que rabo!

- Olha a tanajura!

E muitos outros similares. No entanto, a sua preferida era Dona Talita, que morava no quarto andar do segundo bloco do nosso prédio. A sua bunda era tão grande que me causava enjoos, porém, era para ela, que Erlon tinha um comentário bastante específico:

- Ê lasqueira! Que jaca, hein?

A única coisa que eu entendia era que jaca era uma fruta muito grande, mas mesmo assim não era das mais bonitas, talvez o melhor fosse melancia, porém eram essas as palavras com que Erlon brindava a bunda de Dona Talita. Eu não sabia qual era a reação da moça, que era casada, mas uma vez eu estava saindo do prédio e ela estava entrando. Eu apenas ouvi a voz de Erlon com o seu comentário jocoso e percebi que Dona Talita, ao entrar no prédio, deixou

escapar um sorriso, o que demonstrou que a frase enigmática do bicheiro era uma espécie de elogio.

Um dia, talvez para me gabar e de alguma forma compensar o acesso à sua biblioteca, eu comentei que de cima do telhado do prédio dava para ver a janela do quarto de Dona Talita.

- Vamos lá hoje à noite, garoto! – foi o seu comentário, e que me deixou arrependido de ter dado essa tão idiota ideia.

Na verdade nós, a garotada, costumávamos de vez em quando frequentar o telhado do nosso prédio, pois algumas garotas moravam também no último andar. Acho que apenas uma vez conseguimos ver alguma coisa, mas o nosso imaginário viajava e a esperança nos levava sempre ao mesmo lugar, até que um dia Helinho e Lavadeira foram presos em cima do telhado, mas isso já é outra história.

Para chegar ao telhado, tínhamos que subir até o quarto andar e entrar na pequena sala que dava acesso à lixeira, onde tinha uma escada na parede.

Quando nos acomodamos no telhado, em frente à janela do quarto de Dona Talita, eu já estava achando que aquela ideia tinha sido mesmo uma burrice muito grande.

- Erlon, às vezes não acontece nada. A janela está apagada. Vamos dar uma circulada para ver como estão as coisas nos outros apartamentos. Muitas garotas moram no último andar.

Realmente não consegui convencê-lo a mudar de ideia.

- Garoto, relaxe. Vamos ficar aqui apreciando as estrelas, sem pressa.

Não sei quanto tempo ficamos ali olhando o céu, talvez uns quarenta minutos, quando então a luz do quarto acendeu e Dona Talita apareceu. Ela ficou exatamente no ângulo de visão de onde estávamos, ou seja, dava para ver todo o seu corpo, deu um pequeno rodopio e começou a tirar o vestido. Ficou apenas de calcinha, mostrando a sua imensa bunda, o que já começou a me enjoar.

- Ê lasqueira! Que jaca, hein? – gritou Erlon. O meu reflexo foi deitar a atrás da murada que circundava o telhado.

- O que é isso? Quem está no telhado? – respondeu Dona Talita.

Neste momento eu já estava engatinhando em direção à porta de saída do telhado.

- Ê lasqueira! Que jaca, hein? - repetiu Erlon.

- Ah! É você seu bicheiro tarado?

Foi a última frase que ouvi, já descendo pela escada, dentro da sala da lixeira. Tomei o corredor e desci os andares pulando os degraus. Cheguei em casa, entrei no meu quarto e deitei na minha cama, onde fiquei em silêncio. Como nada aconteceu, eu acabei dormindo.

No dia seguinte perguntei a Zeni, nossa empregada, se ela tinha ouvido alguma coisa.

- Que coisa?

- Bem, eu soube que alguém subiu no telhado do segundo bloco.

- Não, ninguém comentou sobre isso.

Como, Zeni, costumava saber sobre tudo que acontecia no prédio, fiquei intrigado, pois quando Helinho e Lavadeira foram pegos no telhado olhando lara mudar de roupa, houve um verdadeiro pandemônio em todo o edifício. Os dois foram retirados por um policial sob as vaias das mulheres que ficaram no saguão do prédio, indignadas por terem a sua privacidade ameaçada.

Eu fui à casa de jogo de bichos e perguntei ao Erlon se estava tudo bem.

- Claro! Tudo bem – respondeu com um ar lacônico.

- Não ocorreu nenhum problema ontem no telhado?

- Garoto! Relaxa! Tudo correu como planejado.

Eu nunca soube realmente o que aconteceu naquela noite no telhado do meu prédio. Fiquei com inúmeras dúvidas que me atormentaram por muitos anos, e talvez seja essa a razão de minha decisão de escrever este conto. A primeira dúvida foi porque Dona Talita começou a tirar a roupa exatamente no ângulo de visão onde estávamos. Ela poderia ter ficado em qualquer lugar no quarto e a nossa visão teria sido parcial ou não tão boa. A segunda dúvida foi o fato de não ter acontecido nenhum escândalo, como teria sido normal. Notei depois que Erlon nunca mais usou o seu chapão quando Dona Talita passava com a sua descomunal bunda.

Pouco tempo depois o jogo de bicho foi proibido e Erlon fechou a sua loja. Tentou entrar no ramo do comércio com uma sapataria no centro da cidade, mas isso não deu certo, pois colocou como vendedores o pessoal que fazia jogo de bicho e alguns dos seus capangas. Um deles, Caveira, vivia com um olhar perdido no vazio e um cigarro no canto da boca. Eu cheguei a cair na risada quando o vi vendendo sapatos.

Eu também me mudei do edifício e acabei então perdendo contato com todos os personagens dessa história, e realmente nunca soube exatamente o que

aconteceu naquela noite no telhado. Ficou apenas a frase: - É lasqueira! Que jaca, hein?